

DEU NO “THE NEW YORK TIMES”: A tradução literária como instrumento de aliança política

Marly D’Amaro Blasques Tooge¹ (USP)

Resumo:

Durante a Segunda Guerra Mundial as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e os países da América Latina se estreitaram através da política de “Boa Vizinhança” do governo Roosevelt. Foi, então, criado um programa de intercâmbio cultural para cultivar a boa vontade entre as nações. Dele fazia parte o incentivo à literatura traduzida, vista como fonte de conhecimento mútuo e como antídoto para a intolerância. A idéia estabeleceu um padrão de comportamento que perdurou por décadas. Érico Veríssimo, Alfred e Blanche Knopf, Samuel Putnam e Harriet de Onís foram atores importantes nesse processo. Também se destacaram as idéias de “brasilidade” e do mito da “democracia racial” defendidas por Gilberto Freyre. Apesar de seu posicionamento de esquerda, até mesmo o escritor Jorge Amado se tornaria, na década de 1960, um “bestseller” americano, através dessa vertente. Este trabalho traz um levantamento dos artigos publicados em jornais como o “The New York Times” que retratam tal processo.

Palavras-chave: Tradução, Literatura, Política, Diplomacia.

Introdução

Entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, a literatura estrangeira traduzida foi vista pelo governo dos Estados Unidos e por intelectuais brasileiros e americanos como ferramenta para conhecer a cultura do “outro” e como instrumento para fortalecer alianças políticas. Nesse período os jornais norte-americanos, com destaque para o *The New York Times*, funcionaram tanto como fontes de narrativas sobre os acontecimentos políticos internacionais, quanto como formuladores de imagens das nações estrangeiras. Eles também atuaram como veículos das opiniões de agentes literários. Jornal e romance, as duas formas de comunicação escrita descritas por Benedict Anderson (1983:25), em *Comunidades Imaginadas*, como responsáveis pela formação da imagem da nação moderna, criam as bases para a demonstração que segue. Nela, veremos a forma como traduções de obras literárias brasileiras foram introduzidas nos Estados Unidos a partir dos projetos governamentais e particulares vinculados à filosofia da “Boa Vizinhança”.

Panorama político nas Américas em meados do Século XX.

Desde o final da década de 1920, com a eleição de Herbert Hoover para presidente dos Estados Unidos e sua viagem diplomática à América Latina, a idéia do então presidente era fazer alterações na política externa daquela grande nação. Hoover foi quem primeiro utilizou a expressão “good neighbor” (TOTA, 2000:28), que se tornaria mais tarde a “marca registrada” do Governo de Franklin Delano Roosevelt e sua política de “Boa Vizinhança”, aplicada a partir de 1933. A articulação desses governos, contrariando a filosofia do “Big Stick²” de seus predecessores, não se baseava mais na intervenção armada, mas na defesa através da cooperação continental (Idem: 43). Para isso, foi criado o Gabinete do Coordenador de

¹ **Autora**

Marly TOOGE (Mestranda)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH-USP)

Departamento de Letras Modernas.

² O termo “Big Stick” (grande porrete) referia-se à política diplomática empregada por Theodore Roosevelt, como corolário da Doutrina Monroe, segundo a qual os Estados Unidos atuavam como polícia internacional no hemisfério ocidental, incluindo em sua política as intervenções internacionais..

Assuntos Interamericanos (Office of the Coordinator of Inter-American Affairs - OCIAA) encabeçado pelo empresário Nelson Rockefeller e filiado ao Departamento de Estado. Uma das divisões do OCIAA era a de Relações Culturais, à qual se atribuiu grande importância no processo da formação de uma política “Hemisférica” (idem:51). O rádio e o cinema foram os dois maiores alvos da política de intercâmbio cultural do OCIAA. Mas a literatura não ficou de fora desse projeto. A princípio, o Departamento de Estado Americano começou a incentivar as universidades e editoras para que realizassem traduções de obras literárias da América Latina. Apesar do risco econômico que a atividade representava, a criação do OCIAA fez com que o investimento na área se intensificasse.

A Ação dos Intelectuais Brasileiros nos Estados Unidos.

A idéia de panamericanismo gerou o patrocínio de intercâmbios de artistas, escritores, músicos e cineastas. Foi nessa época que se formaram ícones e personagens representativos da América Latina e do Brasil, como Carmem Miranda e o Zé Carioca.

O maior representante de nossa literatura na época foi escritor Érico Veríssimo. O autor foi convidado pelo Departamento de Estado Americano a visitar os Estados Unidos como porta-voz da cultura brasileira e foi apresentado como consultor de uma importante editora do sul do Brasil, a Editora Globo. Além disso, Veríssimo era o tradutor de várias obras americanas publicadas no Brasil. Era ainda originário do Rio Grande do Sul, fato que também não pode ser negligenciado, já que toda a região sul brasileira, onde existiam colônias alemãs e italianas, era temida pelo possível apoio às “idéias nazistas de uma grande *Fatherland* germânica, que se estenderia por toda a América Latina” (TOTA, 2000: 88). Veríssimo, ao contrário, era um “bom informante”, um representante brasileiro que mostrava apoio aos Estados Unidos e oposição tanto ao fascismo quanto ao comunismo³. Veríssimo apresentava a seguinte proposta:

His idea is that Inter-American relations can be fostered by a mutual exchange of knowledge about the literature of the two Americas – not literature in the “literary” sense but books to be read for amusement (...) What Mr. Veríssimo has in mind is entirely apart from the complimentary kind of literary interchange. His idea is that understanding of good and of bad is necessary, and that once such relations smack of propaganda, they fail. The tendency in Brazilian Literature already is toward the United States, he points out⁴. (Los Angeles Times, 14 de abril de 1941).

As intenções de Veríssimo, assim como a dos demais artistas que foram aos Estados Unidos, certamente não eram tão subservientes como pode parecer. Muitos intelectuais da época, influenciados por linhas de pensamento como a de Waldo Frank⁵, acreditavam que o Brasil também tinha muito a ensinar ao país ianque. Se eles tinham a grande indústria e a

³ *The New York Times* de 18 de abril de 1941.

⁴ *Sua idéia é de que as relações interamericanas podem ser incentivadas por uma troca mútua de conhecimento sobre a literatura das duas Américas – não literatura no senso “literário”, mas livros a serem lidos por diversão (...) O que o Sr. Veríssimo tem em mente é completamente diferente do tipo lisonjeiro de intercâmbio literário. Sua idéia é de que a compreensão do bom e do ruim é necessária e de que, quando tais relações tem cara de propaganda, elas falham. A tendência na literatura brasileira já é em direção aos Estados Unidos, ele destaca.* (Los Angeles Times, 14 de abril de 1941).

⁵ Waldo Frank fazia parte de um grupo de intelectuais de grande influência no começo do século, que questionava o materialismo cultural norte-americano e via no misto de natureza e espiritualidade das culturas dos países ao sul a humanidade que faltava aos Estados Unidos. Os Estados Unidos eram vistos, pelos membros desse grupo, como a parte masculina das Américas e os povos latinos como a parte feminina: partes que deveriam se unir e não dominar uma à outra. (TOTA, 2000:34-35).

tecnologia, também tinham um consumismo exacerbado, a conhecida “linha de cor” (*color line*), e não tinham “o calor humano” atribuído ao povo brasileiro:

É nesse contexto que Érico Veríssimo chega aos Estados Unidos e seu objetivo é mostrar que o Brasil pode contribuir no proposto diálogo pan-americano, equilibrando o materialismo ianque com o “caráter mais humano” do brasileiro (MACHADO, 2004:1).

Érico Veríssimo, que apenas completara o segundo grau no Brasil, permaneceu por alguns anos nos Estados Unidos, fazendo palestras nas universidades americanas, e em 1944 foi convidado a dar um curso na Universidade de Berkeley, na Califórnia⁶. Com o passar dos anos, o autor já apresentava certo descontentamento com a imagem “holiwoodiana” do Brasil⁷ e buscava mostrar aos americanos a razão de algumas divergências culturais entre os povos. Suas opiniões foram narradas através de vários artigos dos jornais *Los Angeles Times* e *The New York Times*⁸. Mas o mais importante é ver como o autor assumiu o papel de mediador, se tornando praticamente um “embaixador” vinculado à atividade literária.

A questão racial também era marcadamente importante na época. Enquanto o Brasil era visto como o exótico “cadinho das raças” (ou “melting pot” para os norte-americanos), os Estados Unidos ainda enfrentavam os problemas de segregação racial criados desde a Guerra Civil⁹. Foi então que começou a destacar-se o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. O pernambucano fora discípulo nos Estados Unidos de Franz Boas, que dedicara grande parte de suas reflexões e pesquisas para a resolução de problemas sociais, como o racismo e a suposta superioridade cultural de certos povos. Em 1933 Freyre lançara *Casa Grande e Senzala* onde ele invertia o caráter pejorativo até então atribuído à mestiçagem e valorizava as culturas de povos africanos. As comparações de Freyre também focavam o Brasil e os Estados Unidos, colocando o Brasil em uma posição privilegiada quanto à questão do racismo. Materialismo e raça se tornariam, assim, os principais pontos de discussão para a comparação entre as Américas. E a questão diplomática, a mola propulsora para a literatura traduzida.

No ano de 1942, enquanto vários intelectuais brasileiros ainda chegavam aos Estados Unidos, editoras universitárias e particulares, usavam os incentivos financeiros do Departamento de Estado Americano para fechar contratos de tradução com autores brasileiros.

Um dos primeiros livros traduzidos publicado com destaque no jornal americano, em decorrência dessas contratações, foi *Os Sertões* de Euclides da Cunha, provavelmente por representar um grande ensaio sobre nossa história. Mas o prazo de tradução fez com que o lançamento acontecesse apenas em 1944. A crítica, publicada no *New York Times* em 6 de fevereiro daquele ano, foi feita pelo próprio Veríssimo. Ele explicava que tanto governantes quanto escritores brasileiros não mais tentavam resolver os problemas do sertão com expedições armadas, e sim com compreensão, criação de escolas, higiene, leis trabalhistas e auxílio social. Veríssimo tentava convencer o público americano de que o povo brasileiro era anti-totalitário e contra a violência:

⁶ MACHADO (2004:1)

⁷ “O Brasil que vocês conhecem é um Brasil falsificado, feito em Hollywood, que em geral nos apresenta ou como um país de opereta, em que homenzinhos que vestem fraque, usam cavanhaque e gesticulam como doidos, beijam na rua e em plena face outros homúnculos igualmente grotescos; ou então com os recursos do technicolor nos mostram como uma terra de mirabolantes maravilhas. Não somos nem ridículos nem sublimes. Na minha terra, como aqui, há de tudo.” (palestra de VERÍSSIMO na Califórnia - apud MACHADO, 2004: p.3).

⁸ *Los Angeles Times* de 18 de abril de 1941 e de 14 de novembro de 1944; *The new York Times* de 6 de fevereiro de 1944; e de 4 de fevereiro de 1945, entre outros.

⁹ *The New York Times* 26 de agosto de 1945.

“The keynote of their life is a delicious mixture of malice and kindness, blended with sentimentality and with a Bohemian touch. They have a wonderful sense of humor and don’t care very much for a civilization expressed in terms of money and mechanical progress”¹⁰.

Veríssimo finalizava dizendo que, quando vencidos os problemas de pobreza, analfabetismo e saúde, o Brasil concretizaria as esperanças de Stefan Zweig de que o Brasil seria o país do futuro¹¹. O autor gaúcho usava sua habilidade de escritor para inverter o caráter determinista transmitido pela obra de Da Cunha, além de deixar claro que as correntes mais contemporâneas (à época), já discordavam com o “exagero” de Da Cunha quanto à questão das raças.

Traduções no Pós-Guerra: O apoio de Alfred Knopf e dos críticos do *The New York Times*.

O fato de as traduções de obras brasileiras serem publicadas 3 a 4 anos após sua contratação, pode ter sido um dos impedimentos para uma melhor recepção das obras no continente norte-americano. Em 1944 o Office of the Coordinator of Inter-American Affairs foi transformado em Office of Inter-American Affairs. Getúlio Vargas foi deposto no Brasil em 1945 e Franklin Roosevelt morreu nesse mesmo ano. Em 1946 a Segunda Guerra já tinha terminado e as atenções governamentais, editoriais e até mesmo do público leitor já se desviavam novamente para a Europa. O Office of Inter-American Affairs foi extinto em maio de 1946 pelo presidente Harry Truman. Com o início da Guerra Fria, essa situação somente se acentuaria. As atenções se concentravam na Europa e para a Ásia, com destaque para a China e a Coreia (TOTA, 2000: 190).

No campo das traduções literárias ainda se sentia os efeitos da política de Roosevelt. Entre 1945 e 1946 foram publicadas as traduções de *Terras do Sem Fim* de Jorge Amado, *Angústia* de Graciliano Ramos e *Casa Grande e Senzala*, de Freyre. *Brazil: an Interpretation*, também lançado nessa época, foi uma obra escrita diretamente no idioma inglês por Freyre. Todas estas publicações foram realizadas pela Alfred A. Knopf Publishers.

Alfred Knopf já vinha se destacando nos Estados Unidos por trabalhar com literatura traduzida. Quando o mercado editorial europeu se fechou às nações americanas no começo da Segunda Guerra, Knopf aproveitou os incentivos do Departamento de Estado Americano para seu projeto de tradução na América Latina. Sua esposa e sócia, Blanche Knopf viajou pela região, buscando obras que retratassem os países ao sul. Fechou então um contrato para traduzir o ensaio de Freyre e romances de caráter político já citados. O jornal nova-iorquino testemunhou todos esses lançamentos¹².

Mostrando a continuada preocupação com as relações diplomáticas O *The New York Times* trazia os seguintes comentários sobre a publicação de *Brazil, an Interpretation*:

What part will the countries to the south of us take in the post-war world? Will they be content to follow the industrial north and imitate its material progress? Or will they, true to their past genius, point out new paths

¹⁰ “A tônica de sua vida é uma mistura deliciosa de malícia e amabilidade, combinados com sentimentalismo e um toque boêmio. Eles têm um senso de humor maravilhoso e não se interessam muito por civilização expressa em termos de dinheiro e progresso mecânico.”

¹¹ Stefan Zweig escreveu: *Brasil, país do futuro*, publicado em 1941. Ver: HERBERTZ, Adelaide Stoos. “Os leitores e as leituras da obra de Stefan Zweig no Brasil” in *Fênix, Revista de História e Estudos Culturais*. Mai/Jun/Jul 2007.

¹² *The New York Times* de 26 de agosto de 1945, 31 de março de 1946, e de 6 de outubro de 1946.

in terms of humanities or what are now called the social sciences? Gilberto Freyre, brilliant young sociologist from Brazil, foreshadows for his country a possible answer in this book, made up of lectures, which he delivered at the Indiana University last winter¹³.

Como visto anteriormente, a questão das raças se tornara crucial à nação americana. Segundo Freyre, no Brasil a mestiçagem não era mais vista como mácula, e o preconceito existia mais como resultado da consciência de classes do que de raça ou cor¹⁴. O Brasil de Freyre era um país que tinha orgulho de seus elementos de base ameríndia, judaica e africana. Nele, os jovens brasileiros consideravam um dever opor-se a qualquer tipo de discriminação racial. Sem deixar de questionar o caráter utópico das afirmativas de Freyre, o artigo afirmava que *Casa Grande e Senzala* tinha sido aclamada como uma contribuição de valor para o aprendizado mundial e anunciava sua breve publicação nos Estados Unidos. Terminava, enfim, sem deixar de agradecer ao bom trabalho do tradutor Samuel Putnam e ao editor (Alfred Knopf) por trazerem diversas obras latino-americanas para os Estados Unidos. É possível que a inclusão da comunidade judaica na obra de Freyre tivesse chamado a atenção destes dois membros de tal comunidade após o extermínio causado por Hitler. Mais tarde, Knopf viria a se tornar amigo e “compadre”¹⁵ de Freyre e daria grande apoio a sua obra (ROSTAGNO, 1997:42).

Putnam e Knopf também foram responsáveis pela publicação, algum tempo depois, de uma nova obra sobre nossa literatura. *Marvelous Journey: Four Centuries of Brazilian Writing*¹⁶ de Samuel Putnam era uma publicação que também reproduziria a linha ideológica da Boa Vizinhança, como mostrava o jornal nova-iorquino, em 25 de julho de 1948:

At this point in our relationship with Latin America, when the hysteria of the war period seems likely to be succeeded by a return to our previous indifference, books which will help us toward a balanced attitude are exactly what we need. And nowhere is the need greater than in field of our understanding of Brazil, the best friend we have in South America and a nation destined for a great future, if the human race survives its present crisis¹⁷.

O reconhecimento despendido a Alfred A. Knopf por publicações de obras brasileiras não aconteceu, no entanto, apenas dentro dos Estados Unidos. Aqui no Brasil, Blanche Knopf foi homenageada pelo governo brasileiro. Em 1950 ela foi condecorada com o título de “Cavaleiro(a) da Ordem do Cruzeiro do Sul”, por seu empenho em divulgar nossa literatura nos

¹³ *Que lado tomarão os países ao nosso sul no mundo pós-guerra? Eles ficarão satisfeitos em seguir o norte industrial e imitar seu progresso material? Ou eles, fiéis ao seu passado genial, apontarão um novo caminho em termos de humanidades ou do que chamam agora as ciências sociais? Gilberto Freyre, um brilhante sociólogo do Brasil, prevê para seu país uma resposta neste livro, feito a partir de palestras que ele proferiu na Universidade de Indiana no inverno passado.*

¹⁴ As idéias de Freyre foram combatidas por diversos intelectuais, em vários estudos, entre eles: BASTIDE, Roger e Florestan FERNANDES. 1955. *Negros e brancos em São Paulo*. São Paulo, Anhembi – e - HASENBALG, Carlos A. 1979. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal.

¹⁵ Knopf batizou a neta de Freyre.

¹⁶ Jornada Maravilhosa: Quatro Séculos da Escrita Brasileira.

¹⁷ Neste ponto de nosso relacionamento com a América Latina, quando a histeria do período de guerra parece propensa a ser sucedida por um retorno à nossa prévia indiferença, livros que no ajudam em direção a uma posição equilibrada são exatamente o que nós precisamos. E em lugar algum é a necessidade maior do que no campo de nossa compreensão sobre o Brasil, o melhor amigo que nós temos na América do Sul e uma nação destinada a um grande futuro, se a raça humana sobreviver a sua crise atual.

Estados Unidos¹⁸. Anos mais tarde, Alfred e Blanche seriam novamente homenageados com insígnias da Ordem do Cruzeiro do Sul¹⁹.

Nesse contexto ainda, o que se confirmava era o papel do *The New York Times* não apenas como veículo de informações, mas como importante instrumento de formação de opinião que apoiava as idéias de intercâmbio cultural originadas no governo Roosevelt. O *The New York Times* manteve, a partir da década de 1950 uma coluna chamada “*Literary Letter From Brazil*”, que contou com a constante contribuição do escritor, crítico e também jornalista, Antônio Callado. Ex-correspondente da BBC durante a Segunda Guerra e tendo trabalhado no Serviço Brasileiro da *Radio-Diffusion Française*, em Paris, Callado não era apenas politizado, mas também muito ativo dentro e fora do Brasil. Viria a escrever *Quarup* em 1967, que seria também publicado em tradução inglesa por Knopf em 1970. Na década de 1950, no entanto, Callado fazia a crítica das obras brasileiras no *The New York Times* tecendo especiais elogios ao “romance do nordeste”. Não coincidentemente, em 1956 a editora da Universidade da Califórnia em Berkeley publicou a obra *Brazil's New Novel: Four North-eastern Masters*²⁰ do professor Fred P. Ellison, que era, na verdade, um ensaio crítico sobre as obras de Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Já Knopf publicou uma reedição da tradução de *Casa Grande e Senzala* de Freyre, também em 1956. O fato era um reflexo do interesse da UNESCO pela obra de Freyre e da execução um projeto de pesquisas sobre a relação das raças no Brasil alguns anos antes²¹. Voltamos a encontrar uma outra publicação brasileira de Knopf apenas em 1959, com o lançamento de *New World in the Tropics*. A obra era uma nova versão de *Brazil: an Interpretation*, também escrita por Freyre, que agora rodava as universidades americanas e européias dando palestras e fazendo apresentações sobre a “democracia racial” brasileira.

O Ressentimento no período da Guerra Fria.

O jornal nova-iorquino também foi fonte de narrativas sobre as instabilidades diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos no período da Guerra Fria.

Em 1º de abril de 1951, o *The New York Times* publicava um artigo com a manchete: “*Brazil is Smarting from U.S. Neglect*”²². Como subtítulo lia-se que “*The Best Friend of Yankees Among Latins Has Many Grievances, Some of Them Justified*”²³. O artigo relatava que a nação, cuja amizade tinha sido subestimada e cujo papel na Segunda Guerra tinha sido esquecido, agora reclamava da falta de apreciação. O Brasil se ressentia por sua exclusão do Plano Marshall, pelas perdas causadas com inflação norte-americana do pós-guerra, e pela falta de generosidade nos empréstimos. Não ficava de fora o ressentimento sobre um grande empréstimo feito à Argentina, que ao contrário do Brasil mantinha uma política externa muito mais hostil para com os Estados Unidos. Além disso, os grandes empresários brasileiros alegavam que os Estados Unidos queriam dominar a economia brasileira, mantendo-a basicamente agrícola. O jornal americano apresentava tais críticas brasileiras como “positivas”, quando contrapostas à ação da *intelligentsia* comunista e dos nacionalistas “anti-ianque”, que contribuíam para o abalo na “amizade entre os vizinhos”. Mas o artigo contrapunha que várias

¹⁸ Fato anunciado na edição do *The New York Times* de 3 de novembro de 1950.

¹⁹ Ver documento JM pi Magalhães, J. 1964.12.00 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Faculdade Getúlio Vargas – SP.

²⁰ O Novo Romance Brasileiro: Quatro Mestres Nordestinos.

²¹ MAIO, M. C. “O Projeto UNESCO e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999.

²² “O Brasil está ressentido com o desprezo dos EUA”.

²³ “O Melhor Amigo dos Ianques entre os Latinos Tem Muitas Queixas, Algumas Delas Justificadas”.

queixas brasileiras eram injustificadas, uma vez que os empréstimos do *Import-Export Bank* para o Brasil tinham sido maiores do que os concedidos a qualquer outro país latino-americano. Defendia-se ainda não ser verdade que os Estados Unidos queriam dominar a economia brasileira e que acabara de ser criada a *Joint Brazilian-American Economic Development Commission*²⁴, para solucionar muitas dificuldades econômicas. O argumento mais curioso era, no entanto, o de que o Serviço de Informação dos Estados Unidos instalado no Brasil era o maior da América Latina e um dos maiores do mundo, além de ser um dos mais impressionantes e bem sucedidos, o que não indicava negligência²⁵. O artigo continua defendendo que as discussões eram, todavia, querelas entre dois bons amigos, nada comparado ao antagonismo existente entre os Estados Unidos e a Argentina, nem com a campanha anti-americana de Juan D. Perón. Não ficava esquecido o fato de Getúlio Vargas, o ex-ditador populista que “adorava aplausos”, estar subindo novamente ao poder em um momento delicado de uma democracia ainda nova. Getúlio Vargas, eleito democraticamente e com grande apoio popular, era apresentado como alguém que podia agora fazer o que quisesse em nome da democracia, mas que não tinha mais motivos para se voltar para os antigos métodos totalitários. Era um “ator soberbo” que podia agora interpretar o papel de um democrata. Segundo o artigo, o grande perigo vinha do comunismo, tornado ilegal no Brasil em 1947, mas ainda forte graças à terrível pobreza e ao prestígio do líder comunista Luis Carlos Prestes. A conclusão era de que, apesar de o Brasil não representar grandes ameaças, isso não significava que o mais poderoso e melhor amigo da América Latina podia ser seguramente ignorado.

4. A Revolução Cubana e as novas traduções de Knopf.

Todo o contexto sócio-histórico descrito anteriormente serviu como preparação do terreno para o que viria a acontecer na década de 1960. Com a Revolução Cubana, as atenções do governo dos Estados Unidos se voltaram novamente para o continente americano. Kennedy retomaria em grande parte a filosofia de “Boa Vizinhaça” de Roosevelt, agora sobre a roupagem da “Aliança para o Progresso”. Segundo o *The New York Times* de 20 de maio de 1961, o governo de Jânio Quadros mostrava uma independência desconcertante nos assuntos internacionais. O ministro das Relações Internacionais do Brasil emitira uma declaração defendendo o direito de Cuba à autodeterminação e opondo-se a qualquer intervenção estrangeira. O jornal informava que o presidente Kennedy sabiamente resistia à tentação de associar a ajuda financeira ao Brasil às concessões ou interferências políticas.

Enquanto isso, os críticos literários do *The New York Times* anunciavam uma nova geração de autores que substituiriam os antigos escritores da década de 1940²⁶. Entre eles figuravam Jorge Amado e Guimarães Rosa. Todavia, quem levaria a literatura brasileira traduzida à lista de *bestsellers* do *The New York Times* não seria o governo ou as universidades americanas, mas sim o próprio Alfred Knopf, com a publicação de *Gabriela, Clove and Cinnamon* (*Gabriela, Cravo e Canela*) de Jorge Amado.

Em 1951, o escritor Jorge Amado, ainda envolvido com a ideologia comunista, recebera o Prêmio Stalin da Paz, fato anunciado no *The New York Times* de 22 de dezembro daquele ano. O que naquele momento parecia impossível, se tornaria realidade aproximadamente dez anos mais tarde, em uma reviravolta que só não foi mais surpreendente porque foi, antes de tudo, uma demonstração do dinamismo da história e da adaptabilidade da literatura traduzida: um romance de Jorge Amado se tornaria um sucesso comercial norte-americano.

²⁴ Comissão Conjunta Brasileira-Americana para o Desenvolvimento Econômico

²⁵ A obra de Pedro Tota (2000) descreve a implantação desse Sistema de Informação no Brasil, vinculado ao OCIAA.

²⁶ *The New York Times*, de 1º de dezembro de 1961.

Apenas 5 anos antes da publicação de *Gabriela* em 1962, o escritor baiano tinha se desligado do comunismo, decepcionado com os rumos do Partido e do stalinismo. Apesar disso, o caráter político e de contestação não deixara de existir na literatura amadiana. Amplamente conhecida na Europa, a obra de Amado já era um fenômeno de tradução: o romance “Gabriela” tinha sido traduzido para 14 idiomas. O público americano não era indiferente ao seu sucesso internacional, mas o romance precisava ser assimilado de forma própria, como mostrava o jornal nova-iorquino:

Already a best seller in Brazil, it [“Gabriela”] is scheduled to be published in more than a dozen countries. If its other translations are as expertly smooth, racy and natural as the English translation by James L. Taylor and William Grossman, Mr. Amado’s “cinnamon-colored” heroine has a chance of becoming as internationally famous as those other Latin charmers, Gina Lollobrigida and Sophia Loren²⁷.

William Grossman tinha sido convidado a “melhorar” a primeira tradução feita por James L. Taylor, que desagradara a Knopf. Mas o resultado final também não agradou muito ao crítico do *Los Angeles Times*, que publicou em 28 de outubro de 1962:

Understandably difficult is the task of translating the poetical quality of Jorge Amado’s prose. The tonal inadequacy of several translations, the rendering of a number of expressions at a higher or lower cultural level than that used by the character in question, and some complete omission from the original text, although deplorable, are not sufficient to appreciably mar the author’s characteristically smooth and refreshingly popular style²⁸.

Décadas mais tarde os desvios evidenciados pelo *Los Angeles Times* também levariam a críticas no Brasil, de que a tradução teria priorizado o erotismo da obra em detrimento das questões político-sociais do romance²⁹. De qualquer forma, o que se viu em 1962 foi Gabriela chegar aos Estados Unidos como uma “Impulsive Child of Nature³⁰”, a mulata brasileira que, após conquistar o mundo, também conquistaria o mercado leitor americano. “The café au lait Gabriela is as sweet and spicy as the title of this best selling Brazilian novel implies³¹”, diziam os jornais americanos. E a forma como o caráter político de Jorge Amado foi tratado na época pode ser visualizada através da crítica de Juan de Onís, filho da nova tradutora de Knopf, Harriet de Onís, também no *The New York Times*, de 16 de setembro de 1962:

“Gabriela” represents undoubtedly the artistic liberation of Senhor Amado from a long period of ideological commitment to Communist orthodoxy. He

²⁷ Já um *best seller* no Brasil, ele está agendado para ser publicado em mais de uma dúzia de países. Se suas outras traduções forem tão habilmente fluentes, cheias de vida e naturais como a tradução inglesa de James L. Taylor e William Grossman, heroína “cor de canela” do Sr. Amado tem uma chance de tornar tão internacionalmente famosa como aquelas outras beldades latinas Gina Lollobrigida e Sophia Loren (“The new York Times” de 12 de setembro de 1962).

²⁸ Compreensivelmente difícil é a tarefa de traduzir a qualidade poética da prosa de Jorge Amado. A inadequação de tom de várias traduções, a transposição de um número de expressões para um nível cultural mais alto ou mais baixo do que o usado pela personagem em questão, e algumas omissões do texto original, embora deploráveis, não são suficientes para arruinar o estilo caracteristicamente fluente e refrescantemente popular do autor para o leitor falante do inglês.

²⁹ Ver CORREIA, Adilson da Silva. “Gabriela na malha da tradução domesticadora dos anos 60”. In: *Congresso Nacional de Estudos Floilógicos e Línüísticos*, 7, 2003, Rio de Janeiro.

³⁰ “Uma filha impulsiva da natureza” (*The New York Times* de 12 de setembro de 1962).

³¹ A morena [“café au lait” vem do francês e significa “café com leite, referindo-se à cor da mulata”] Gabriela é tão doce e picante quanto o título deste romance brasileiro campeão de vendas sugere. (*Los Angeles Times* de 28 de outubro de 1962).

has not had to make a public profession of his present views to show that his artistic integrity has prevailed over the intellectual “Party line”. He was shocked by the Hungarian bloodbath and publicly criticized the Soviet handling of the Pasternak case and, in these reactions, he is very close to Europeans intellectuals, such as Jean Paul Sartre, with whom he is personally friends with. Senhor Amado continues to follow Brazil’s political development closely, but he is fully convinced that rigid doctrines drawn from the experience of the Russian revolution are now of little value for Brazil, where he believes democratic, peaceful social changes are still possible³².

A literatura de Jorge Amado adentrou, assim, o sistema literário americano da única forma possível durante a Guerra Fria: como um exemplo de “rejeição” à doutrina Russa. E em poucas semanas entrou para a lista de *bestsellers* do *The New York Times*, para lá permanecer por quase um ano.

O que verificamos no presente artigo é a forma como redes de atores e grupos de influência e resistência interagiram através de diferentes projetos, em constante diálogo e negociação. Todo esse processo foi documentado em jornais como o *The New York Times*, criando para o leitor norte-americano narrativas sobre as principais questões em debate durante aquelas décadas. A tradução literária foi tida por muitos como um importante instrumento para assimilar a cultura das nações vizinhas. E foi o confronto entre as forças dos diferentes grupos que contribuiu, momentaneamente, para o sucesso ou insucesso comercial das traduções literárias de obras brasileiras nos Estados Unidos. Tal processo não pode ser visto, entretanto, como pré-determinado ou final, mas parte de constantes lutas ideológicas e políticas.

Referências Bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Revised Edition ed. London and New York: Verso, 1991.

COHN, Deborah. “Retracing The Lost Steps: The Cuban Revolution, the Cold War, and Publishing Alejo Carpentier in the U.S”. CR: *The New Centennial Review* 3.1 (Spring 2003)

CORREIA, Adilson da Silva. “Gabriela na malha da tradução domesticadora dos anos 60”. In: *Congresso Nacional de Estudos Filológicos e Lingüísticos*, 7, 2003, Rio de Janeiro.

MACHADO, Ronaldo. *Entre o centro e a periferia: Érico Veríssimo nos Estados Unidos*, 1944. VI Encontro do “Brazilianisten-Gruppe in der ADLAF”, Berlim, 2004.

MAIO, M. C. “O Projeto UNESCO e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos Anos 40 e 50” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999.

ROSTAGNO, Irene. *Searching for Recognition: the promotion of Latin American Literature in the United States*. GREENWOOD PRESS – London – 1997.

TOTA, Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. Companhia das Letras. São Paulo – 2000.

³² “Gabriela” representa, sem dúvida, a liberação artística do Senhor Amado de um longo período de compromisso ideológico com a ortodoxia comunista. Ele não teve que fazer uma declaração pública a respeito de sua presente visão para mostrar que sua integridade artística prevaleceu sobre a linha intelectual partidária. Ele ficou chocado com o derramamento de sangue na Hungria e criticou publicamente o manejo soviético do caso Pasternak e netas recentes reações ele está muito próximo a intelectuais europeus, tais como Jean Paul Sartre, de quem é amigo pessoal. O Senhor Amado continua a seguir de perto o desenvolvimento político do Brasil, mas ele está completamente convencido de que doutrinas rígidas extraídas da experiência Russa são agora de pouco valor para o Brasil, onde ele acredita que as mudanças democráticas e pacíficas ainda são possíveis.